

Volcker sugere

FEV 1988

Linda

Ext

17 FEV 1988

mais recursos

GAZETA MERCANTIL

para devedores

por Tom Camargo
de Londres

O ex-presidente do Federal Reserve Board (Fed, o banco central dos Estados Unidos), Paul Volcker, disse na sexta-feira, em Londres, que o importante é saber, a esta altura da negociação da dívida, se os "credores querem agir construtivamente. (...) Se eles querem crescimento e estabilidade para os países devedores. (...) O pânico dos credores está atrapalhando o caminho de uma solução construtiva".

Mas Volcker observou também que os países devedores devem adotar programas fortes de reestruturação de suas economias, com apoio e supervisão direta do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

"Os maiores países devedores têm as condições de servir suas dívidas sem afetar a estabilidade de seu crescimento", disse ainda, "mas para isso precisam



Paul Volcker

de perspectivas de longo prazo, prazos bem maiores do que os que foram negociados desde 1982".

Abrindo o segundo e último dia do seminário A Retomada Econômica da América Latina, patrocinado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o jornal International Herald Tribune, o ex-presidente do Fed disse que o volume de

recursos necessário para reordenar o grosso da dívida soberana "não está acima das possibilidades dos bancos comerciais, isto é, não põe em perigo a segurança do sistema financeiro".

Ele instou os banqueiros presentes (mais de uma centena) a chegar a um consenso sobre como agir, lembrando que "o valor dos créditos (em carteira) será minado ainda mais se não houver ação".

Volcker disse que é fundamental que os países endividados não sejam bloqueados no seu acesso a novos recursos, pois "mais do que nunca se faz necessário um sentido de continuidade". Disse que as idas e vindas nas negociações da dívida são muitas vezes provocadas pelos credores.

Concentrando-se nos bancos afirmou: "O repúdio do Brasil à sua moratória mostra que existe uma base firme para o sucesso, pois o elemento-chave é o desejo do credor de se manter em dia e, ao mesmo tempo, crescer. Se eles (os devedores) querem isso, os credores têm de comparecer com a parte que lhes cabe".

Volcker apontou "a falta de coesão" entre os interesses dos bancos credores como um elemento de interrupção e fracasso das negociações. Sugeriu também que a crescente competitividade do sistema bancário internacional, em parte derivada da desregulamentação de mercado, faria com que não houvesse incentivo para os bancos participarem de programas de reescalonamento.

Instou os governos da Europa e Japão a adotar políticas comerciais mais abertas, notando que, nestes anos da crise da dívida, quando os países latino-americanos melhoraram suas balanças comerciais de forma dramática, "praticamente não houve aumento das exportações da região para Europa e Japão".

Ao descartar como "ingênuas" as hipóteses de perdão direto ou indireto da dívida — "os próprios devedores não querem isso, eles querem normalidade" — Volcker recorreu mais uma vez ao exemplo

(Continua na página 2)